

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

PROCESSO DE APRENDIZAGEM - O PAPEL DA
ESCOLA E DA FAMÍLIA
NA TRANSMISSÃO DOS CONHECIMENTOS

Raquel Bolsonaro de Figueiredo
RA 391302

1990

MONOGRAFIA apresentada como exigência
parcial para aprovação na Disciplina
EP-150 - Sistemática do Trabalho Indi
vidual e de Grupo.

Campinas, 26 de Junho de 1990.

"Se aprendermos a nos projetar na mente da criança enquanto, ao mesmo tempo, tentamos compreender o que nos motiva, então, instintivamente, escolheremos a melhor maneira de agir."

Bruno Bettelheim

ÍNDICE

1.	Introdução.....	pg 3
2.	Definindo Aprendizagem.....	pg 3
	2.1. Estruturas do Sujeito.....	pg 5
	2.1.1. Organismo.....	pg 5
	2.1.2. Corpo.....	pg 5
	2.1.3. Estrutura Cognitiva.....	pg 6
	2.1.4. Estrutura Simbólica.....	pg 7
3.	A Escola no Processo.....	pg 8
	3.1. Interação criança-escola.....	pg 8
	3.2. Mafalda fala.....	pg 9
4.	A Família no Processo.....	pg 19
	4.1. Interação criança-família.....	pg 19
5.	Conclusão.....	pg 24
6.	Bibliografia Consultada.....	pg 29
7.	Bibliografia Geral.....	pg 30

INTRODUÇÃO

"Nesta rua, nesta rua tem um bosque,
Que se chama, que se chama solidão...
Dentro dele, dentro dele mora um Anjo..."

É esse Anjo que procuro nas minhas filhas, em cada criança que passa por mim, é esse Anjo que eu procuro entender, conhecer e decifrar no dia-a-dia, no caminhar de cada ano letivo. E eu sinto que ele me foge, que nunca se mostra por inteiro... e isso me frustra!

Empreendi uma caminhada através dessa monografia, tentando capturar essa imagem fugidia, que se esconde em cada bosque solitário que são as pessoas e talvez, assim, eu possa estabelecer pontes de compreensão e comunicação, e abrir as portas para a luz entrar, clarear e ficar.

Quiz buscar em fontes menos ortodoxas, mas o que é, é, sem meios tons e então fiz uma reunião, onde Piaget é o anfitrião e tem como convidados para esse "talk show" outras personalidades como Helen Bee, Joseph Chilton Pearce, Quino, Bruno Bettelheim, Sara Fain, Hans C. Furth, todos falando, vivendo e agindo para mostrar a face do Anjo que eu busco em cada criança que vejo.

DEFININDO APRENDIZAGEM

Começarei por definir Aprendizagem de uma maneira mais geral, para depois esboçar o papel da escola e da família nesse processo.

Como definição ampla de Aprendizagem posso dizer que é o processo de transmissão dos conhecimentos. É uma definição um pouco banal, mas nos ajuda a pensar quais são os momentos desse processo de transmissão. Se há transmissão, é evidente que deve ir de um lugar para outro. Nesse processo de transmissão, o outro deve estar no lugar daquele que pode ensinar. Não se aprende de qualquer um, aprende-se daquele que está no lugar do Conhecimento, seja pai, mãe ou professor. Isto é a Aprendizagem.

E como se chega a transmitir esse Conhecimento para que ele seja propriedade do sujeito? É através de um in-

intermediário que nós chamamos Ensino, pois essa palavra contém uma parte em si, que é "signo", sinal, e para que o Conhecimento chegue ao sujeito, deve haver no meio uma insígnia, um sinal que seja signo do Conhecimento.

O Conhecimento não pode ser transmitido de chofre, imediatamente; não se pode impor "Conhecimento"; tem que se dar um sinal, um signo do Conhecimento para que o sujeito possa recriar o conhecimento que está no outro. Recriar é apropriar-se. Apropriar-se através de certas estruturas que se encontram no sujeito, estruturas estas capazes de captar o sinal, o signo, e generalizá-lo, ampliá-lo para que se transforme novamente em Conhecimento.

O Organismo, o Corpo, a Estrutura Cognitiva e a Estrutura Simbólica são as quatro formas de estruturas da "insígnia", que permitirão ao sujeito recriar e se apropriar do conhecimento que está no outro, de tal forma que possa ensiná-lo a um sujeito seguinte.

Um bebê, quando nasce, não é nada. Ele tem a forma humana, mas para tornar-se sujeito humano deve impregnar-se de todo um conhecimento humano. E, são essas quatro formas de sua estrutura que permitirão ao bebê captar o Conhecimento para reproduzir-se como ser humano.

Retomando: o Conhecimento que está no outro vai gerar um outro ser da mesma espécie.

Um ato de aprendizagem é um ato de Amor, porque gera um ser parecido conosco, que chamamos de idêntico, não só no sentido da identidade, mas no sentido de identificação com ele.

Isso acontece desde o nascimento da criança. A primeira coisa que ocorre com um adulto que ama um bebê, que está em seus braços, é procurar olhar em seus olhos. (Falo em adulto porque, embora se fale em função materna e paterna, tanto um como o outro pode assumir esse papel, indistintamente.)

Os pais ficam tensos até perceberem o olhar do filho e, se possível, seu primeiro sorriso. Esse é um dia de festa para a família, pois, embora o sorriso do bebê seja um sorriso mecânico, ele é importante pelo seu significado, pelo sinal.

Uma vez que esse "olhar" acontece, isto é, a criança apresenta uma resposta humana, vem um outro momento impor

tantíssimo, que também é da responsabilidade do adulto e de sua saúde mental: é o interesse deste por outra coisa que não seja a própria criança. Quando os pais permanecem fascinados pela criança e não são capazes de buscar outro objeto de interesse, ou então, se eles não se interessam mutuamente, não há a introdução de uma terceira instância pela qual a Aprendizagem poderá circular: não há o que comumente chamamos de interesse, que é justamente o encontro num "terceiro objeto", através do olhar de alguém, com o qual a criança tem uma forte ligação afetiva.

É preciso, desta forma, a entrada em um "terceiro objeto" (seja pessoa ou objeto) para que a Aprendizagem circule.

Portanto, um modelo de Aprendizagem, para que a criança saia e se interesse por conhecer, é o modelo de um adulto que a olhe e seja capaz de "puxar" o seu olhar para colocá-lo com interesse em outro ponto, em um outro objeto, o modelo de um adulto que seja capaz de se encontrar com a criança num "terceiro objeto". Esse modelo é muito importante para que a criança possa recuperá-lo depois, quando acontece o seu ingresso na escola, ou antes até, para que haja continuidade desse tipo de relação que parte de uma relação primária e dual, a dois, e se transforma numa relação a três.

Essa é a base da transmissão de Conhecimentos.

AS ESTRUTURAS DO SUJEITO

Agora veremos como funcionam as estruturas que o Sujeito possui e que lhe permitirá, desde o nascimento, e, através das relações afetivas de base, cumprir justamente o ciclo de apropriação do conhecimento.

O ORGANISMO

O Organismo é a infraestrutura, através da qual se dá a possibilidade de automatizar e memorizar. Ele é capaz de registrar, gravar, reconhecer o que o cerca, por meio de sistemas sensoriais (os olhos, ouvidos, a boca, pele e do sistema nervoso central, que é capaz de coordená-los).

O CORPO

O Corpo é verdadeiramente o órgão da Aprendizagem, pois toda ela deve passar pelo corpo, porque toda Aprendizagem é um modo de coordenação entre o corpo e o Sistema Sensorial.

Assim, todo tipo de Aprendizagem, mesmo o mais abstrato, tem, no fundo, articulações e coordenações sensório-motoras, onde há sempre uma parte orgânica, que é um sistema sensorial, e uma parte corporal.

Porém, o Corpo não é importante só porque entra em jogo na relação sensório-motora, mas também porque é nele que se dá, ao mesmo tempo, uma ressonância emotiva do ato que se está realizando. Ao mesmo tempo que se produz uma coordenação sensório-motora, se produz uma ressonância da emoção que esse ato desperta e que é chamada de vida afetiva ou emocional. Essa vida afetiva ou emocional acompanha todo tipo de pensamento, de imagem, porque é contemporânea à sua efetuação.

Além disso, o Corpo é importante porque é a primeira referência do "eu" de uma "identidade", para que o sujeito se assuma como sendo ele mesmo.

No nível sensório-motor, uma criança se assume como ela mesma porque ela é o agente de sua própria ação.

AS ESTRUTURAS COGNITIVAS

As Estruturas Cognitivas estão na base da inteligência, são a inteligência e estruturam o conhecimento lógico, que é aquele que serve de base à construção da objetividade da realidade externa.

É evidente que nenhum sujeito constrói uma realidade externa (filosoficamente falando, um ente exterior); o que se constrói é o conhecimento sobre essa realidade.

Para definir essas estruturas lógicas, utilizamos a teoria de Piaget, com seus três grandes níveis lógicos.

O primeiro, prático, que vai até os 18 meses, onde a criança vai gerar suas noções pela prática, sem internalização por imagem ou palavra, mas, simplesmente pela ação. Este é um período importante, onde as carências podem gerar dificuldades diversas na aprendizagem.

O segundo, é um período de formação, chamado de for

mação lógico-concreta, que permite ao sujeito que já possui acumulada uma série de conhecimentos simbólicos, fazer com eles uma operatividade conceitual e transformá-los em conceitos; é uma época conceitual-concreta, porque se lida com conceitos e com objetos concretos.

O terceiro nível é o período da formalização, onde se lida com operações de operações, isto é, os objetos não são os objetos mesmos, mas as relações entre eles, ou operações entre eles.

A ESTRUTURA SIMBÓLICA

Temos na estrutura cognitiva um período que fica como uma lacuna (2-4 anos), um período alógico e egocêntrico, em que a criança constrói a subjetividade, sem chegar ainda à construção da objetividade. Esse período pertence à estrutura simbólica e serve justamente para que o sujeito possa construir, entre o objeto e o pensamento, certos elementos significativos que vão representar o objeto perante o pensamento. Esse tipo de objeto pode se chamar de brinquedo, de palavra ou imagem. Quer dizer, tanto a palavra, como o brinquedo, como a imagem, são certas formações com as quais o sujeito pode pensar num objeto quando este não está presente; são substitutos do objeto em si.

C BRINQUEDO

A criança pode usar um objeto que tem uma determinada função, como se fosse outro objeto, com uma outra função (um objeto substitue o outro), sabendo dessa diferença. A operação de substituição é outra operação eminentemente simbólica e não uma operação inteligente.

A PALAVRA

Quando usamos a palavra, estamos falando de um objeto que não está presente. A palavra é um elemento convencional. Quando a criança usa a palavra, usa-a como um elemento concreto que está entre ela e o objeto.

A IMAGEM

A imagem se constitui pela interiorização de um gesto; temos então, novamente a ação.

Todos esses elementos (brinquedos, palavras e imagens), mesmo sendo de ordem simbólica, serão retomados na ordem lógica, para serem pensados, mesmo não significando, por isso, que sejam lógicos em suas origens.

Como se dá a passagem de uma estrutura alógica para uma estrutura lógica? Isso é muito importante, tanto para a psicologia, como para a pedagogia.

Não se aprende uma estrutura lógica e também não se pode dizer que uma estrutura lógica venha da experiência. Ou seja, não podemos proporcionar à criança uma série de experiências para que essa estrutura lógica se constitua. O que se pode fazer é acumular as experiências no período anterior, de tal maneira que essa acumulação, chegando a um certo momento, não possa continuar contendo todos os fenômenos que gera, e se passa a uma outra estrutura. Em outras palavras, a passagem de uma estrutura à outra se produz pela impossibilidade de uma estrutura anterior conter todos os fenômenos que ela gera.

A ESCOLA NO PROCESSO

Qual é o conhecimento que a Escola transmite?

Por que nós não damos todo o Conhecimento na Escola, e só um tipo de conhecimento que é por nós escolhido?

A Escola, em geral, peca pelo absolutismo com que transmite os conhecimentos. Não se passa para a criança a idéia de que alguém selecionou alguns conhecimentos, mas que se lhe dá "Conhecimentos".

INTERAÇÃO CRIANÇA-ESCOLA

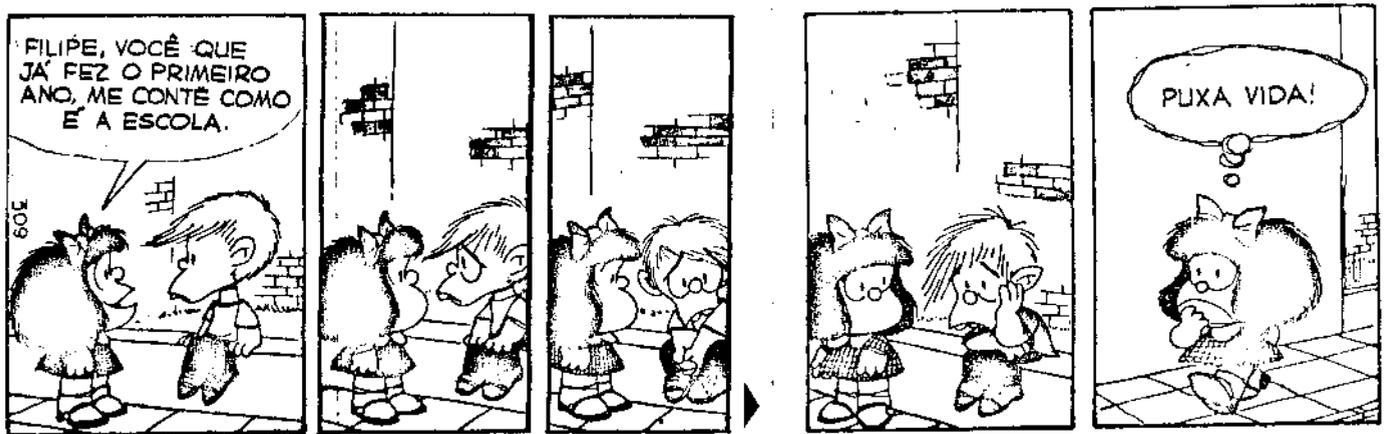
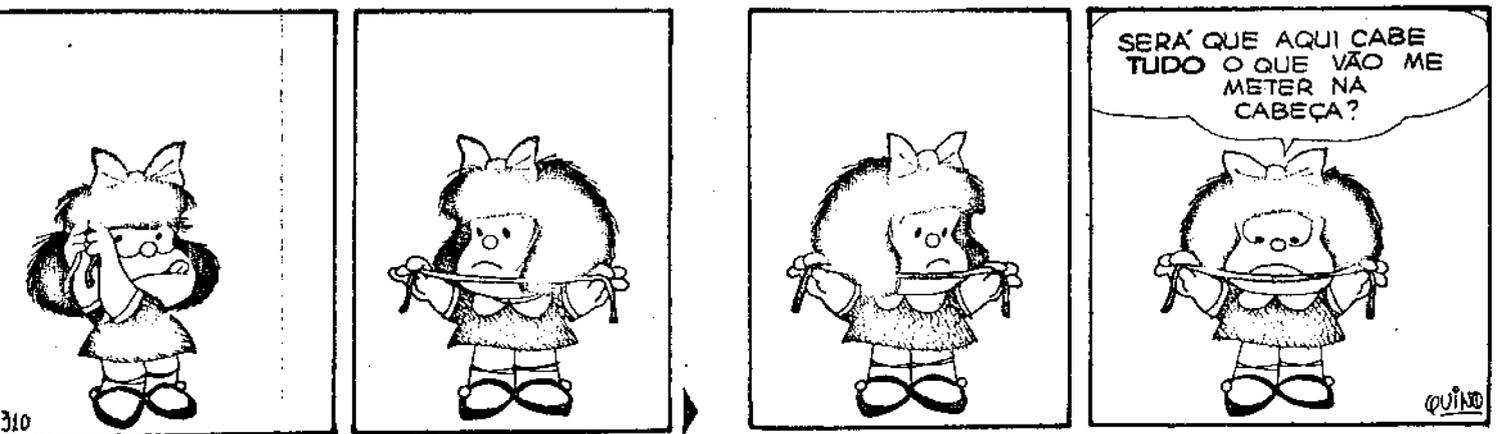
Em geral não se leva muito em conta o ouvinte, sujeito do conhecimento, passando para as crianças os conhecimentos já realizados, sem ensinar a elas como foram constituídos, tornando a ação nula, impossibilitando as crianças de vivenciarem, reconstituírem caminhos, possibilidades, por si mesmas, sem que haja verdades definitivas (existem?).

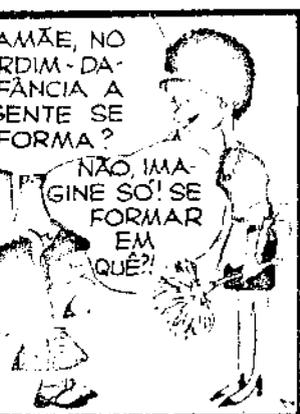
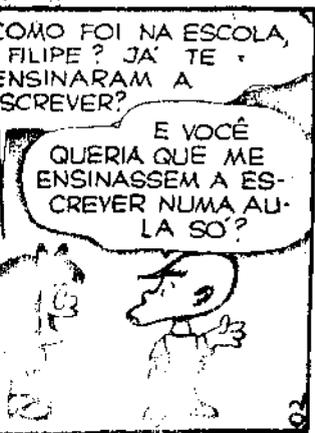
As coisas que são transmitidas de modo que a crian

ça possa vivê-las, tocá-las, reconstituí-las, essas ficam per-
manentes, pois organizam a fantasia e a objetividade. A cri-
ança que pode manter essa dicotomia é uma criança que pode
aprender bem, que pode ter um pensamento rico.

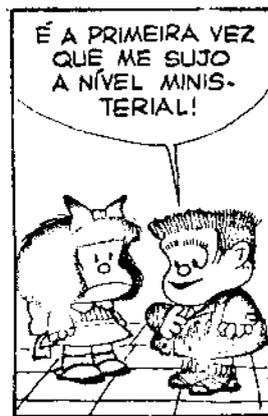
MAFALDA FALA:





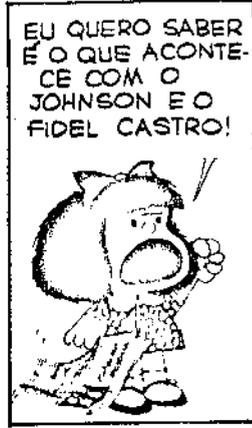




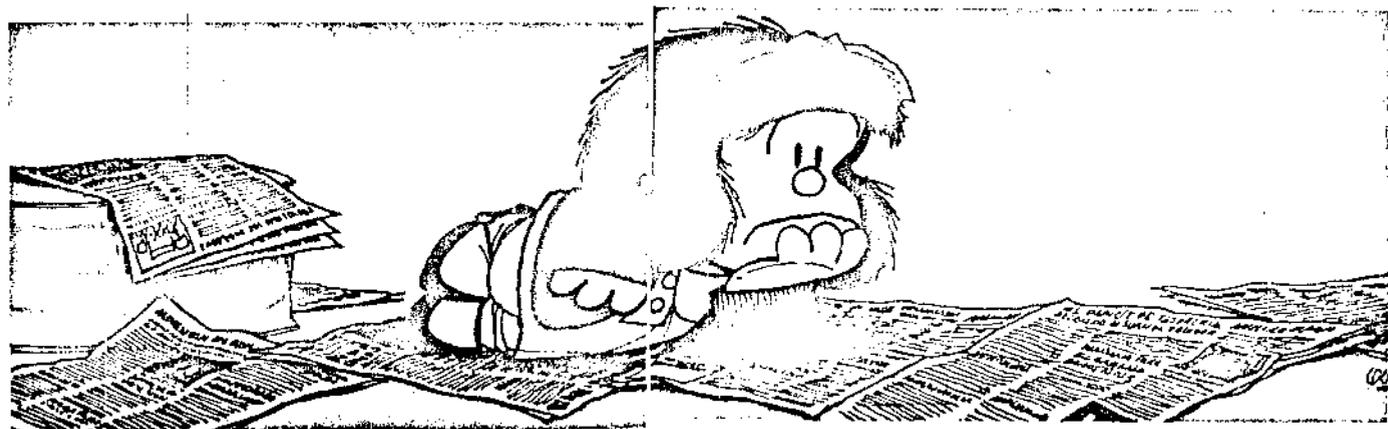












A aquisição de conteúdos é uma obsessão dos adultos que não possuem matriz. Quando se força o sistema de valores resultante na criança e a aquisição de conteúdo torna-se o que a impulsiona a agir, a intencionalidade afoga-se na intenção.

O sistema intelectual fecha-se no conteúdo específico valorado, seja de qualquer ordem e esse fechamento denifica imediatamente a capacidade de interagir. A evolução da inteligência fica emperrada, enquanto cria uma situação; esta fica centrada exclusivamente no conteúdo valorado.

Isso é uma impossibilidade!

Em um universo onde tudo se move e flui para poder existir, somente tem valor a capacidade de interagir com esse fluxo. Isso é o que a criança sabe instintivamente e luta para preservar (como Kafalda!).

NA FAMÍLIA

É na família que desenvolvemos nossas primeiras e mais profundas raízes; sentimentos fortes e positivos a respeito de nós mesmos e laços emocionais firmes com outros nos fixarão na vida, alimentarão nossa segurança e nos permitirão superar com êxito as adversidades da existência.

O sentimento de pertencer desenvolve-se primeiro e principalmente no lar, e apenas com base nessa primeira experiência, estende-se mais tarde à vizinhança, à Escola e à Pátria.

INTERAÇÃO CRIANÇA-FAMÍLIA

Os pais contribuem para a força intelectual da criança, que depende da riqueza e plenitude de seus conceitos e da visão de que não devem confundir suas experiências da realidade com a experiência da realidade da criança. A educação da criança deve ocorrer no mundo como ele é, livre de valores pré-estabelecidos, pois os adultos tendem a valorizar toda a experiência e conhecimento, de acordo com sua própria visão.

Para que a criança tenha uma inteligência aberta e flexível, não se pode encobrir as possibilidades, experiências advindas da própria criança, pois estruturam conhecimen

tos que desenvolvem as ferramentas da inteligência e da lógica e a capacidade de interagir. O objeto dessa interação nunca é tão importante quanto o conhecimento que ela adquire da quele encontro.

Se a criança interage de maneira livre com os pais, ela entrará livremente nas experiências, sem preconceitos e será capaz de avaliá-las de acordo com seus referenciais e sempre sentir-se-á segura para entrar e viver experiências novas e, com isso, seu conhecimento se ampliará, nesse aprendizado com a vida e os valores que ela contém.

A maioria dos pais incute muito cedo a preocupação pelos valores, em seus filhos, mas, os valores adultos quase sempre estão baseados na sobrevivência pessoal, bem-estar ou fuga à ansiedade.

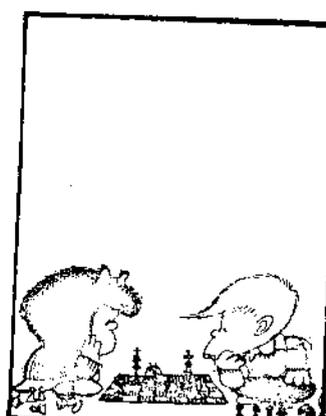
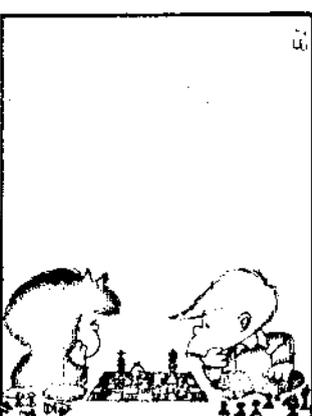
Sinto que deveríamos fazer todo o possível para que não se forme na mente das crianças qualquer ansiedade com relação ao mundo, pois a criança vincula-se de tal modo com os pais, que acabará incorporando essa ansiedade, que será como uma barreira para que ela perceba que o mundo está aberto e disponível para seu impulso à aprendizagem e ao conhecimento que poderá advir.

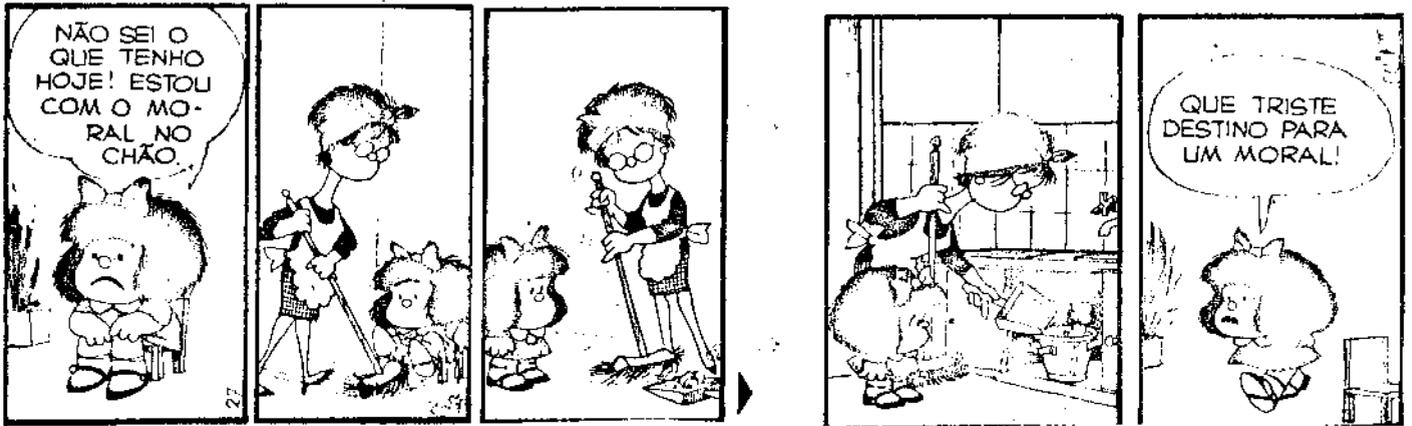
Encontrar-se com a criança onde ela estiver, em suas necessidades, tocá-la, entender seus sinais e responder a eles, para que a realidade seja transformada, engrandecida em sua ação: uma aprendizagem ocorre!

Os pais precisam saber que seu filho é biologicamente equipado para aprender e o fará automaticamente e alegremente quando o conteúdo oferecido confundir-se com sua intencionalidade e suas necessidades, pois o impulso de aprender é interno, assim como seu trabalho conceitual, e a sincronia desses, com o jogo que se dá na superfície, se movem para que a criança trabalhe com um potencial infinito.

E, para que falar mais?

Kafalça poderá fazê-lo por mim!







CONCLUSÃO

A vinculação é o ponto-chave para que a criança inicie seu aprendizado, tanto com a escola, quanto com a família, independentemente da idade. Os pais, que podem começar logo de início com um bebê pequeno, têm sorte, porque através da vinculação com a criança, estão se vinculando com o processo primário indiferenciado. Aprender a captar os sinais a partir da criança e dar a resposta correspondente, significa aprender a prestar atenção e a responder ao processo primário, que também está dentro de nós.

Uma criança é capaz de nos ensinar uma quantidade impressionante de coisas, se estivermos dispostos a aprender e porque ela está biologicamente equipada para captar nossos sinais, aprende enquanto aprendemos.

É preciso tocar, abraçar com os corpos se amoldando, estabelecendo contato, sinais com os olhos, o sorriso e a fala, pois criar uma criança para a vida é uma responsabilidade de tempo integral, sejamos nós pais, professores ou simplesmente seres humanos.

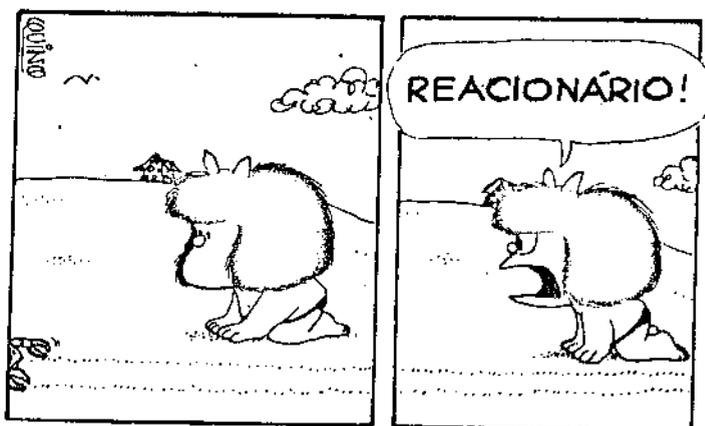
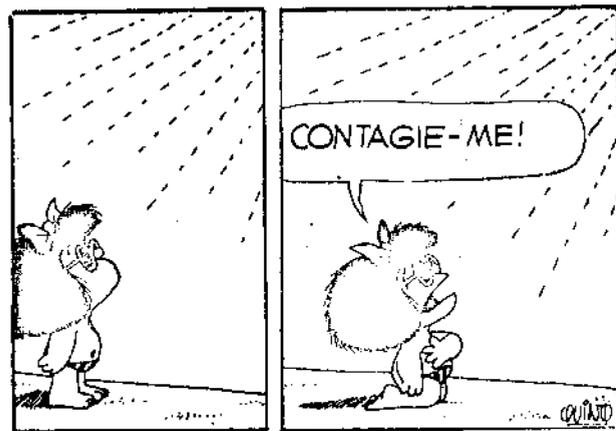
Talvez essa não seja uma receita muito detalhada, mas satisfará as necessidades de qualquer criança que estiver sob nossos cuidados: o filho que geramos ou geraremos, concebemos ou conceberemos e esta criança gerada eternamente dentro de nós.

PARA FINALIZAR

Para mim, Mafalda encarna a face do Anjo; é a Criança Mágica, de Joseph Chilton Pearce; é a criança que constrói sua realidade, de Piaget; é a criança que eu busco nas crianças que passam a cada ano por mim... é a criança que temos que ser diante do Mundo, que nos deixa perplexos com suas incongruências, maravilhas e destemperos!

Vamos ouvi-la mais um pouco?

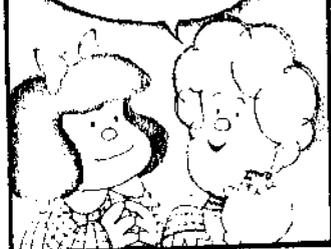
Quem sabe poderemos também dizer a ela: contagie-me!



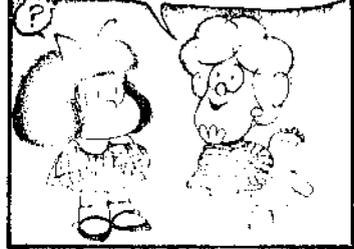
NÃO É POSSÍVEL QUE TUA ÚNICA AMBICÃO SEJA SER MÃE, SUSANITA! VOCÊ NÃO PENSA EM SEGUIR UMA CARREIRA?



NÃO TINHA PENSADO NISSO, MAS AGORA QUE VOCÊ ESTÁ FALANDO ACHO QUE NÃO É MÁ IDEIA.



ATÉ QUE DÁ PRESTÍGIO APARECER DE VEZ EM QUANDO NO HIPÓDROMO E TER A FOTO PUBLICADA NOS JORNAIS.

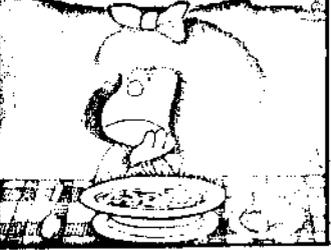


A SRA. SUSANITA CLO-TILDE, EM COMPANHIA DE SEU FILHO, ACOMPANHOU COM EXTREMO INTERESSE AS CARREIRAS DO GRANDE PRÊMIO.

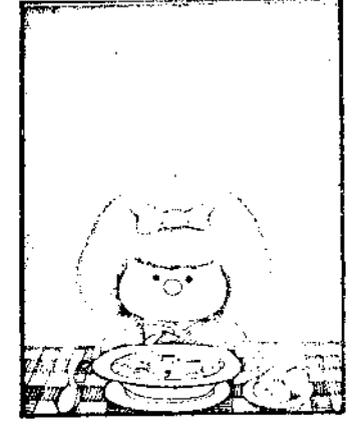


ELA É PIOR DO QUE SOPA!

VAMOS, TOME A SOPA. QUEM NÃO TOMA SOPA NÃO CRESCE!



FICA SEMPRE CRIANÇA, NUNCA SE TORNA GENTE GRANDE!



COMO ESTE MUNDO SERIA TRANQUÍLO SE MARX NÃO TIVESSE TOMADO SOPA!



MEUS VOTOS DE FELIZ NATAL PARA TODOS OS POVOS DO OCIDENTE!



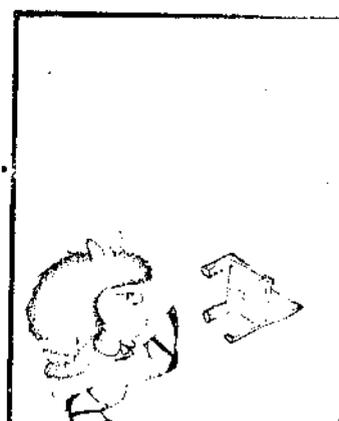
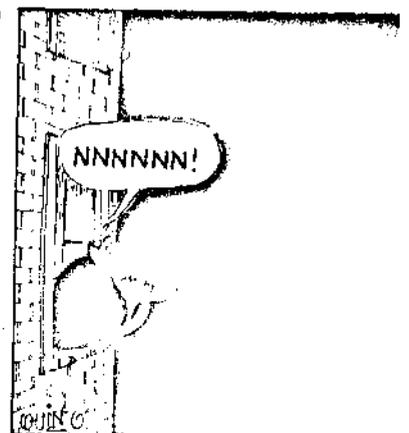
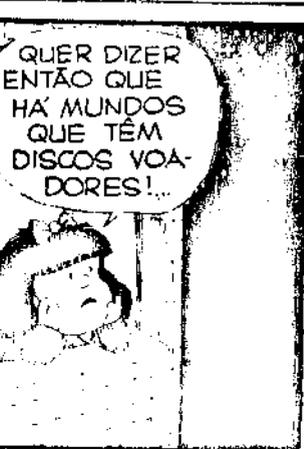
E MEUS VOTOS DE FELIZ NATAL PARA TODOS OS POVOS DO ORIENTE!

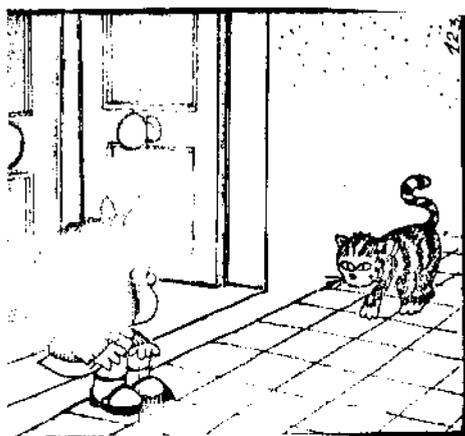


RICOCHETEOU NA MALDITA CORTINA DE FERRO!



QUIARO





BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. BEE, Helen. A Criança em Desenvolvimento. Trad. do inglês por Rosane Amador Pereira (3a. edição) São Paulo: Harbra Ltda, 1936.
2. BETTELHEIN, Bruno. Uma Vida Para Seu Filho. Trad. do inglês por Maura Cardinha e M. Helena Geordane (1a. edição) Rio de Janeiro: Campus, 1938.
3. FURTH, Hans G. Piaget na Sala de Aula. Trad. do inglês por Donaldson W. Garschagen (5a. edição) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1936.
4. PAIN, Sara. "Processo de Aprendizagem e o Papel da Escola na Transmissão dos Conhecimentos" in Cadernos CEUEC, nº 1 (Junho, 1935), páginas 3-16.
5. PEARCE, Joseph Chilton. A Criança Mágica. Trad. do inglês por Cíntia Barki (2a. edição) Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1935.
6. QUINO. Mafalda 1. Trad. do espanhol por Mônica Stahel M. da Silva (1a. edição) São Paulo: Martins Fontes, 1938.
7. QUINO. Mafalda 2. Trad. do espanhol por Mônica Stahel M. da Silva (1a. edição) São Paulo: Martins Fontes, 1939.

BIBLIOGRAFIA GERAL

1. ABRAMOVICH, Wanny. Literatura Infantil - Costosuras e Bobices (1a. edição) São Paulo: Scipione, 1939.
2. BEE, Helen. A Criança em Desenvolvimento. Trad. do inglês por Rosane Amador Pereira (3a. edição) São Paulo: Harbra Ltda., 1936.
3. BETTELHEIN, Bruno. Uma Vida Para Seu Filho. Trad. do inglês por Maura Sardinha e M. Helena Geordane (1a. edição) Rio de Janeiro: Campus, 1938.
4. CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e Linguística, (1a. edição) São Paulo: Scipione, 1939.
5. DOLLE, Jean Marie. Para Compreender Jean Piaget. Trad. do francês por M. José J. G. de Almeida (2a. edição) Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
6. FURTH, Hans G. Piaget na Sala de Aula. Trad. do inglês por Donaldson M. Garschagen (5a. edição) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1936.
7. KRUMBOLTZ, John e Helen. Modificação do Comportamento Infantil. Trad. do inglês por Therezinha Megias (1a. edição) São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1977.
8. PAIN, Sara. "Processo de Aprendizagem e o Papel da Escola na Transmissão dos Conhecimentos" in Cadernos CEUEC, nº 1 (Junho, 1935) páginas 3-16.
9. PEARCE, Joseph Chilton. A Criança Mágica. Trad. do inglês por Cinthia Barki (2a. edição) Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1935.
10. QUINO. Mafalda 1. Trad. do espanhol por Mônica Stahel M. da Silva (1a. edição) São Paulo: Martins Fontes, 1933.

11. QUINO. Mafalda 2. Trad. do espanhol por Mônica Stahel M. da Silva (1a. edição) São Paulo: Martins Fontes, 1989.
12. SNYDERS, Georges. Para Onde Vão as Pedagogias Não Diretivas? Trad. do inglês por Ruth Delgado (2a. edição) Lisboa, 1973.
13. SPITZ, René A. O Primeiro Ano de Vida. Trad. do inglês por Erotildes Millan Barros da Rocha (5a. edição) São Paulo: Martins Fontes, 1988.